



experiência da agricultora Ligória Felipe, do Sítio Lagoa do Sapo, foi muito válida, complementa Geuza. E também quando tive a oportunidade de conhecer outra escola, outra experiência e lá fizemos o momento de contação de histórias para a Escola do Sítio Lutador, em Queimadas, muito boa essa troca de experiências, diz a educadora.

Segundo Manuela Mércia, as formações do projeto ajudaram a não só trabalhar o tema da água, mas também o solo, a alimentação, o caminho das águas na comunidade, a história da agricultura entre outros assuntos. Isso foi excelente para a gente, que tem uma proposta diferenciada. A gente sabe que muitas pessoas fazem as coisas por fazerem, pois do jeito que a gente faz, dá mais trabalho. Às vezes alguns gostam de pegar tudo pronto, mas no nosso caso aqui é uma construção.

Outro desafio, segundo ela, é o bloqueio por parte de alguns pais, que ainda não compreendem a metodologia diferenciada e têm dificuldade de ampliar o seu olhar para novas práticas educativas. Muitos acreditam que o único lugar de aprender é a sala de aula, se a gente sai ali, leva as crianças para fora, já podem achar que você não preparou aula e está ali fazendo qualquer coisa pra passar o tempo, diz Manuela.

Para a equipe da escola, o resultado são crianças e pais mais satisfeitos, mais interessados em participar, mais envolvidos com o meio que os cercam, o que influencia na qualidade do aprendizado. A gente fica orgulhosa em saber que eles aprenderam de verdade e que vão levar aquilo para o resto da vida. O nosso sentimento é de dever cumprido. Não foi só uma coisa que passou e eles esqueceram, marcou, avalia Manuela.



Educação no campo é direito e não esmola: a experiência da escola do Sítio Carrasco

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Adelino dos Santos está localizada no Sítio Carrasco, município de Esperança-PB, desde 1984. Segundo a professora Maria José Correia de Lima, uma das mais antigas, a escola chegou na comunidade por uma necessidade mesmo. Ela lembra que antes de sair para concluir o ensino médio em outra cidade, os alunos estudavam em turmas multiseriadas na sala da casa de seu José Antônio, conhecido como José Grande, conta. Marizelda Salviano é agricultora da comunidade e liderança do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Esperança, ligado ao Polo da Borborema. Naquela época, era muito forte essa questão da solidariedade, quem sabia, ensinava os outros, eu fui catequista e ajudei a alfabetizar muita gente por aqui, lembra ela. Marizelda é nora de José Grande.



A turma foi crescendo e não tinha mais como continuar, foi quando seu João Adelino, filho de Antônio Adelino, doou o terreno e a Prefeitura construiu a escola. Ele fez essa doação já pensando nos seus filhos e nas outras crianças da comunidade terem onde estudar, pois os alunos precisavam se deslocar para as comunidades Cinza e Camará, conta Marizelda.

As professoras lembram que lecionar muitas vezes aparecia como uma opção secundária na vida das mulheres da comunidade. A mulher que terminava o terceiro ano e não soubesse, ou não gostasse de cozinhar ou bordar, cuidar da casa, a única opção era ser professora, conta Manuela Mércia Vitorino de Oliveira, atual diretora da escola.

As educadoras lembram que, naqueles anos, a educação era muito conservadora. Era aquela coisa tradicional de seguir a cartilha, aprender o be-a-bá. Era limitado, não se fazia uma contextualização. O material era um só, conta Geuza Frutuoso,



ex-diretora da escola e atual coordenadora pedagógica do ciclo da alfabetização na cidade. Geuza conta que os alunos da zona rural já começavam o ensino em desvantagem, pela dificuldade de transporte, a falta de energia elétrica. As oportunidades, os meios de estudar e pesquisar, era muito diferente, as realidades são distintas, diz.

Campanha pela Valorização da Vida na Agricultura Familiar

Geuza ainda não era a diretora da Escola Antônio Adelino dos Santos, quando em 2013, conheceu a proposta da Campanha pelo Fortalecimento da

Vida na Agricultura Familiar, desenvolvida pela AS-PTA em parceria com o Polo da Borborema. A Campanha existe desde 2002, com o objetivo de trabalhar temas importantes sobre a agricultura e a vida no campo com os filhos e filhas de agricultores da região que, abrange 14 municípios da Borborema. Eu conheci no município de Alagoa Nova, nas comunidades de Gameleira, Ribeiro e Lajedo. As crianças chegavam empolgadas, falando sobre os mutirões da campanha, conta Geuza.

Quando assumiu a direção da escola, logo ela ficou pensando sobre como trazer a ação para a comunidade. Os mutirões são dias de brincadeiras e de aprendizado coletivo, geralmente em parceria com as escolas das comunidades, onde um tema é trabalhado pelas crianças de maneira lúdica, com o uso do teatro, teatro de bonecos, jogos e vídeos, tudo de modo a valorizar o saber que as crianças já têm. Geuza lembra que, em 2013, foi convidada por Marizelda para participar de um encontro no Sindicato onde se apresentou o trabalho. Eu fiquei babando, doida para trazer aqui para a escola. Então falei com Marizelda e a gente fez uma reunião com os pais no mesmo ano para a realização da Campanha em parceria com o Sindicato e a escola.



O primeiro tema foram as Sementes da Paixão. É muito bom esse trabalho, porque as vezes a gente dava o assunto, mas não se aprofundava tanto, quando a campanha chegou, a gente passou a ter um estímulo a mais, a se aprofundar mais e é impressionante o conhecimento das crianças sobre o que lhes cerca, avalia Maria José. Lembro que quando a gente trabalhou o tema da alimentação saudável, percebemos que as crianças passaram a se alimentar melhor, a conversar com os pais sobre o que tinham visto, acrescenta Manuela Mércia.

Na avaliação das educadoras, a campanha chegou para fortalecer os projetos que a escola já trabalhava, a exemplo das rodas de leitura e contações de histórias, como também na implantação de hortas, produção e distribuição de mudas na comunidade, também a escola recebe a visita de moradores antigos para compartilhar com as crianças as suas vivências e um pouco da história do local, entre outras ações. Todas as sextas-feiras, a gente reunia as crianças e fazia uma contação de histórias, mas eu não dava importância a alguns detalhes, por exemplo, eu não me caracterizava de acordo com as histórias e não procurava uma história de acordo com aquele tema que queria trabalhar, mas quando começaram os mutirões da campanha, eu me inspirei muito neles, explica Geuza.



José Oliveira, o Seu Zé Baixinho, contando para os alunos a história da comunidade e também sobre a construção da escola.

Cisternas nas Escolas

Entre os anos de 2014 e 2015 chegou o Projeto Cisternas nas Escolas na região por meio da atuação da AS-PTA, Polo da Borborema e Articulação do Semiárido Paraibano. O projeto viabiliza a construção de cisternas de 52 mil litros captando água de chuva do telhado das escolas rurais visando sanar o problema da falta de água para consumo e produção da alimentação escolar. A proposta também é a de promover uma discussão sobre a educação contextualizada nas escolas do campo a partir dos gestores escolares e educadores. A Escola de Carrasco foi uma das selecionadas para ser beneficiada com o projeto.



Eu acho que esse trabalho ajudou mais a valorizar a zona rural, gostamos bastante dos momentos de formação em que os agricultores e as agricultoras do município deram seus depoimentos, apresentando o seu trabalho, também as trocas de experiências entre os educadores de localidades diferentes, diz Maria José. A